

Na Entrepasto Comercial

Candongueiros de peças condenados à prisão

★ Os ladrões eram mecânicos
e possuíam oficinas em casa

N. 9/7/83

Dois mecânicos da Entrepasto Comercial, em Maputo, foram condenados a sete e cinco anos de prisão por prática de falsificação e furto de diversas peças pertencentes à empresa, no valor de 346 934,00 MT, que serviriam para reparação de dois tractores numa oficina particular.

Dinis Francisco Guambe, 26 anos, mecânico, foi sentenciado à pena de sete anos de prisão, por prática de crime de falsificação de documentos e furto de peças dum tractor pertencente à empresa Entrepasto Comercial. Por seu turno, Lázaro Sebastião, 29 anos, ajudante de mecânico da mesma empresa, vai cumprir uma pena de cinco anos de prisão pelo mesmo furto de peças.

O julgamento, que sentenciou os dois mecânicos àquelas penas, decorreu nas instalações da Entrepasto Comercial, na presença de todos os restantes trabalhadores.

A averiguação da prática de furto e falsificação, bem como a detenção dos seus autores deveu-se à vigilância de alguns trabalhadores, colegas dos réus, e em particular de um guarda de serviço, de nome Willinsen Mavie, como declarou uma fonte do Tribunal Popular Provincial de Maputo.

VIGILÂNCIA POPULAR

Durante o julgamento, apurou-se que os réus Dinis Guambe e Lázaro Sebastião eram co-proprietários duma instalação particular, que utilizavam para reparações mecânicas, situada no Bairro do Jardim, perto da casa do réu Lázaro.

A referida oficina pertencera inicialmente a Lázaro Sebastião, tendo posteriormente Dinis Guambe começando aí a trabalhar, quando se conheceram na «Entrepasto». Naquela oficina, tinham dois tractores para reparação.

No dia 25 de Março do corrente ano, o réu Dinis Guambe desempenhava as funções de chefe de sector, forjou um documento falso para requisição de peças ao parque profissional da empresa. Levantou as peças e utilizou em seguida abusivamente uma carrinha da empresa, o condutor e outros trabalhadores, para transportar

as peças para a sua oficina privada.

Alguns trabalhadores que transportaram as peças, interrogaram-se, contudo, sobre aquela acção. Perguntaram aos colegas Dinis Guambe e Lázaro Sebastião sobre o destino das peças e estes responderam que se tratava duma ordem que eles deviam cumprir.

Contudo, os colegas ficaram desconfiados, pois normalmente as peças requisitadas destinavam-se a uma oficina que se situava próximo do complexo da empresa. Não havia nada que justificasse que elas seriam transportadas para uma residência privada, onde se situava a referida oficina particular.

Quando os réus regressaram à empresa, o guarda do parque que tinha assistido ao transporte, Willinsen Mavie, dispôs-se a fazer algumas perguntas aos dois mecânicos.

O réu Dinis Guambe tentou justificar, dizendo que eram velhas. Mas, posteriormente acabou por confessar a verdade, pedindo, contudo, ao guarda para que os não denunciasse. Mas, Willinsen Mavie cumprindo o seu dever participou o caso, e os dois indivíduos foram detidos.